

Conto dos Irmãos Grimm
A Água da Vida

Ilustrações de Rodval Matias



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Conto dos Irmãos Grimm

A Água da Vida

Ilustrações de Rodval Matias



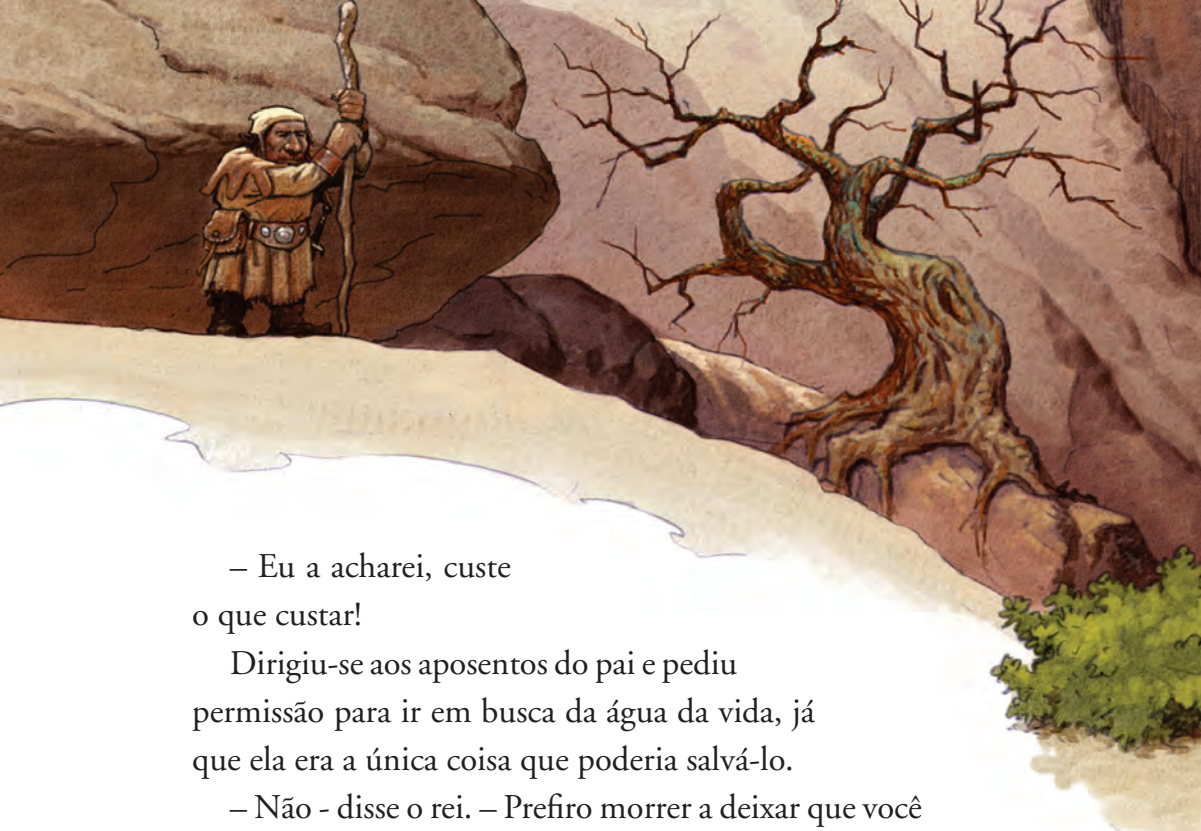
**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal



Muito antes de eu ou você termos nascido, governava, num país muito distante, um rei que tinha três filhos. Certo dia, o rei adoeceu gravemente, e ninguém mais tinha esperanças de que sobreviveria. Seus filhos, que estavam muito tristes por causa disso, lamentavam-se no jardim do palácio quando, de repente, um ancião apareceu e perguntou qual era a causa de tamanha tristeza. Eles lhe disseram que o pai estava muito doente, e que receavam que nada pudesse curá-lo.

– Eu sei o que poderia curá-lo – disse o velho. – É a água da vida. Se ele pudesse beber um pouco dela, ficaria bem novamente. Porém, é muito difícil obtê-la.

Então o irmão mais velho disse:



– Eu a acharei, custe o que custar!

Dirigiu-se aos aposentos do pai e pediu permissão para ir em busca da água da vida, já que ela era a única coisa que poderia salvá-lo.

– Não - disse o rei. – Prefiro morrer a deixar que você vá nesta jornada de tantos perigos.

Mas o príncipe insistiu tanto que o rei acabou consentindo. O príncipe pensou consigo mesmo:

– Se eu trouxer a água da vida para o meu pai, ele me fará seu único herdeiro.

Então ele partiu, e depois de percorrer um bom trecho pelas montanhas chegou a um vale estreito, cercado de árvores e rochas; ali, de pé numa das pedras, viu um anão, muito feio, com uma touca desengonçada e uma capa bem surrada, que o chamou e perguntou:

– Príncipe, aonde vai com tanta pressa?

– O que você tem com isso, seu duende horroroso? – disse o príncipe em tom áspero e arrogante, sem interromper sua caminhada.

O
anão ficou enfu-
recido com a grosseria do
rapaz e rogou-lhe uma praga;
assim, enquanto o príncipe avan-
çava, o desfiladeiro da montanha
se estreitava cada vez mais, até que
a passagem se tornou tão apertada que ele
não conseguiu dar nem mais um passo para frente; o
príncipe viu que não havia o que fazer a não ser recuar
seu cavalo e voltar, mas ouviu uma sonora gargalhada e
viu que o caminho havia se fechado atrás dele. Ele tentou
desmontar e continuar a pé, mas a gargalhada ressoou
novamente nos seus ouvidos, e ele não conseguia mais se
mover, preso e paralisado pelo encantamento.



Enquanto isso o rei, que perdia suas forças a cada dia, perdia também as esperanças no retorno do seu primogênito, até que seu segundo filho foi aos seus aposentos e disse:

– Pai, eu irei em busca da água da vida.

Em seu íntimo ele pensava:

– Meu irmão por certo está morto, e o reino será meu se eu achar a água.

No início o rei não permitiu que ele fosse, mas o príncipe insistiu tanto que o rei acabou por ceder a seu desejo.

Então ele partiu e seguiu o mesmo caminho que seu irmão havia tomado, e encontrou o mesmo anão, no mesmo lugar do vale de árvores e pedras, que lhe fez a mesma pergunta:

– Príncipe, príncipe, aonde vai com tanta pressa?

– Cuide dos seus próprios negócios, seu intrometido - disse o príncipe com escárnio, e seguiu caminho.

O anão rogou-lhe a mesma praga que havia rogado ao seu irmão mais velho, e ele também ficou preso no coração das montanhas. Assim acontece com as pessoas tolas, que se acham mais do que os outros e que são muito orgulhosas para pedir conselhos.

Algum tempo depois, vendo que o segundo irmão também não voltava, o filho caçula pediu permissão ao rei para procurar a água da vida que poderia curá-lo. No início o rei não consentiu, mas o rapaz insistiu tanto que ele acabou permitindo.

O menino então partiu, e tomou o mesmo caminho que os seus dois irmãos, e encontrou o mesmo anão no mesmo trecho do vale entre as montanhas. Como das outras vezes, o anão lhe perguntou:

– Príncipe, aonde vai com tanta pressa?

E o príncipe respondeu:

– Vou em busca da água da vida, porque meu pai está doente e prestes a morrer.

– Você sabe onde encontrá-la? – perguntou o anão.

– Não – disse o príncipe. – Eu não sei.

– Bem, já que você foi gentil comigo, eu lhe direi aonde e como ir. A água que você procura brota no pátio de um castelo encantado, e para que você consiga pegá-la eu lhe darei uma varinha e dois pedaços de pão; bata três vezes no portão do castelo com a varinha, e ele se abrirá; dois leões famintos estarão

lá dentro, esperando para devorá-lo,

mas se você lhes der os

pães, eles o dei-

xarão passar;

então corra

para o pátio





e pegue um pouco da água da vida antes que o relógio soe as doze badaladas; se você permanecer por mais tempo no castelo, nunca mais poderá sair.

O príncipe agradeceu ao seu pequeno amigo de capa vermelha, pegou a varinha e os pães e seguiu adiante, através de terras e mares, até que chegou ao fim da sua jornada e achou tudo exatamente como o anão havia dito. Bateu três vezes no portão com a varinha e ele se abriu, e quando os leões iam atacá-lo, ele lhes jogou os pães e eles se acalmaram. O príncipe então percorreu o castelo até chegar num aposento belíssimo, onde





viu muitos cavaleiros adormecidos, nas mais diversas posições. Num outro aposento havia, sobre uma mesa, uma espada e um saco contendo pão, e o príncipe resolveu pegá-los, achando que poderiam ser úteis.

Depois ele passou por um outro aposento muito luxuoso, onde encontrou, também adormecida, uma jovem lindíssima. Mas assim que ele a viu ela despertou, e o cumprimentou cheia de alegria. Ela lhe disse que era a princesa daquele castelo e que, por ter conseguido entrar ali, ele havia quebrado o encanto que pesava sobre ela e seus súditos. Disse também para ele voltar depois de um ano para que se casassem. Então ela lhe indicou



o lugar no jardim do palácio onde seria encontrada a água da vida; e pediu para ele se apressar e sair de lá antes que o relógio batesse as doze badaladas do meio-dia.

Seguindo as instruções da princesa, o príncipe atravessou jardins maravilhosos. Num deles havia um pavilhão magnífico, fresco e sombreado, no qual havia um leito. Como estava muito cansado, ele resolveu descansar um pouco, mas acabou dormindo profundamente e só acordou quando o relógio tocou um quarto para o meio-dia. Muito assustado, ele saltou do leito e correu para o poço, encheu um frasco que lá estava com a água da vida e se apressou para sair a tempo. Bem quando estava passando pelo

portão de ferro o relógio bateu doze horas, e a porta se fechou com tamanho estrondo e tão rapidamente atrás dele que arrancou um pedaço da sua espada.

O príncipe ficou radiante de alegria por ter conseguido a água da vida que salvaria seu pai; e estava voltando para casa quando encontrou novamente o anão, que viu a espada e o saco de pão e disse:

– Você conseguiu uma bela recompensa; pois com a espada você poderá derrotar qualquer exército e com o saco de pão nunca lhe faltará alimento.

Mas o príncipe pensou consigo:

– Não posso voltar para casa sem meus irmãos.

E então disse:

– Meu caro amigo, você não saberia me dizer onde estão os meus irmãos, que vieram antes de mim em busca da água da vida, e nunca voltaram?



– Eu os preendi entre as montanhas – disse o anão – porque eles são orgulhosos e insolentes.

O príncipe pediu tanto pelos seus irmãos que o anão acabou libertando-os, apesar de o fazer contra a vontade, dizendo:

– Tome cuidado, pois eles têm mau coração.

O irmão, porém, ficou muito feliz em revê-los e lhes contou toda a sua aventura: como tinha encontrado a água da vida; como tinha libertado uma bela princesa de um encantamento; e como ela tinha se comprometido a se casar com ele depois de um ano e a lhe dar o reinado de seu país.

Então os três irmãos puseram-se a voltar para casa juntos, e no caminho chegaram a um país devastado pela guerra e pela fome. O príncipe emprestou o saco de pão ao rei do país, e todos puderam comer até se saciar. E também lhe emprestou sua espada maravilhosa, e com ela o rei derrotou o exército inimigo; e assim, o país voltou a ter paz e abundância. Da mesma maneira, o jovem príncipe ajudou mais dois outros países pelos quais passaram durante a viagem de volta.

Quando chegaram ao mar, decidiram pegar um navio para encurtar a viagem, mas durante a travessia os dois irmãos mais velhos conversaram entre si e tramaram contra o irmão caçula:

– Nosso irmão conseguiu a água que não conseguimos encontrar, e com isso nosso pai deixará o reino para ele.

Então, cheios de inveja e espírito vingativo, armaram um plano para prejudicá-lo. De noite, quando ele dormia profundamente, furtaram o frasco com a água da vida e a substituíram por água do mar.

Quando a viagem terminou e chegaram a casa, o irmão caçula correu para o pai com o frasco, dizendo:

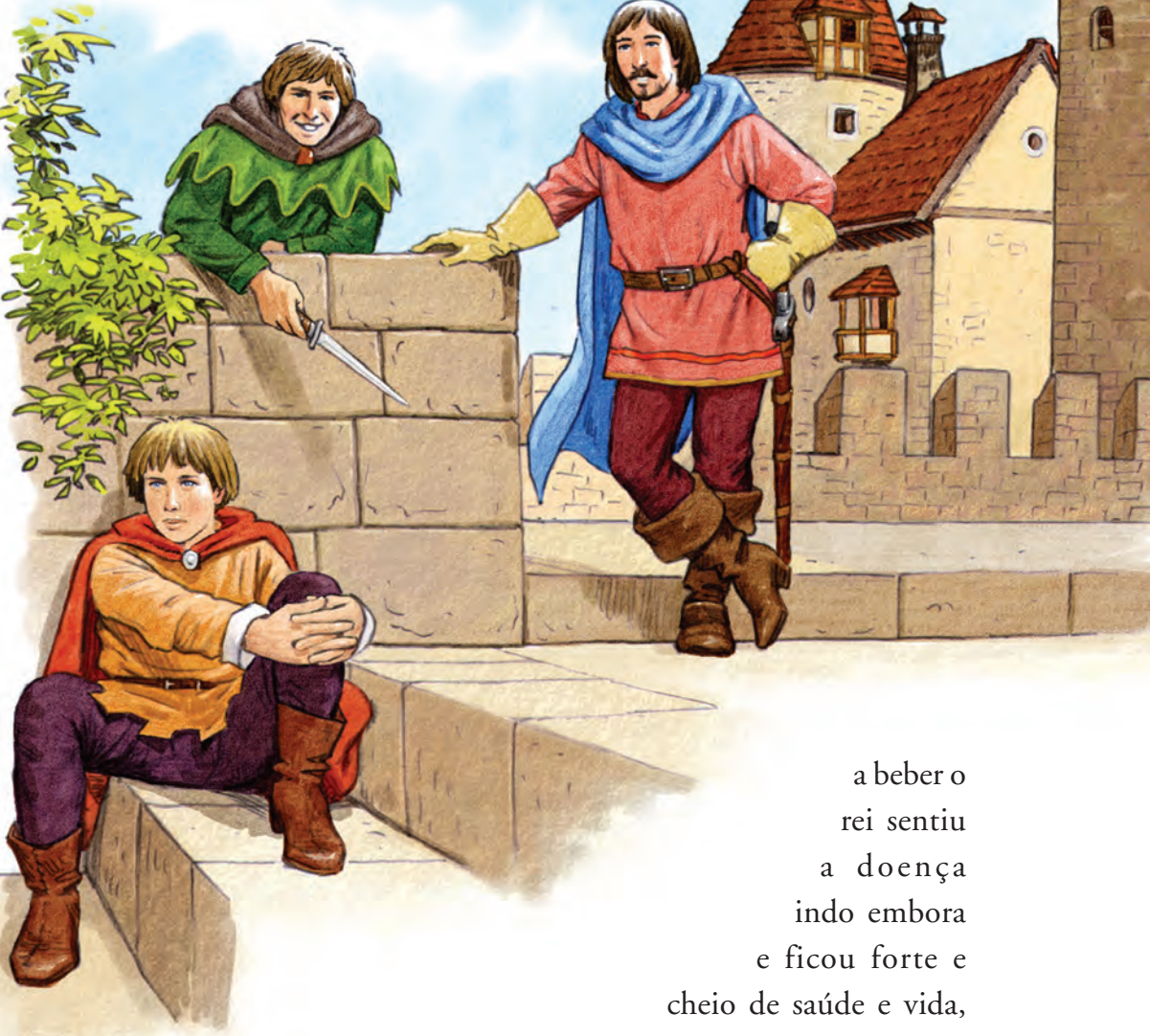






—Beba, pai, que será curado.

Porém, mal o pai tomou um gole daquela água, ficou pior do que antes; então os dois irmãos mais velhos apareceram e censuraram o mais novo pelo que tinha feito; acusaram-no de querer envenenar o pai, e disseram que eles é que tinham trazido a verdadeira água da vida. Deram ao pai um outro frasco, e logo que começou



a beber o
rei sentiu
a doença
indo embora
e ficou forte e
cheio de saúde e vida,
como nos tempos da sua mocidade.

O príncipe caçula, expulso da presença do pai, ficou muito triste. Seus dois irmãos o procuraram, rindo e caçoando muito dele, e lhe disseram:

– Você teve todo o trabalho para achar a água da vida e nós é que ficamos com a recompensa. Você deveria ter sido mais esperto e mantido os olhos abertos! Daqui a um ano, um de nós, e não você, irá desposar sua linda princesa. E é melhor não dizer nada disso ao nosso pai, pois ele não acreditará em uma só palavra do que disser; e, se contar, pagará com a vida. Então, fique quieto,

e o deixaremos em paz.

Mas o rei ainda estava furioso com o seu filho caçula, pensando que ele realmente tivesse tentado envenená-lo. Então, reuniu seu conselho e perguntou o que deveria ser feito. Todos concordaram que o caçula deveria morrer.

O jovem príncipe não sabia nada do que estava se passando, até que um dia o melhor caçador do rei foi encarregado de acompanhá-lo numa caçada para matá-lo na floresta. Quando chegaram ao lugar destinado, o caçador estava tão triste, que o príncipe perguntou:

– Meu caro amigo, o que você tem?

– Eu não posso e nem ousou lhe contar – disse ele.

Mas o príncipe insistiu, dizendo:

– Diga-me o que é; não ficarei zangado com você, e o perderei.

Devo cumprir uma tarefa muito difícil – disse o caçador. – O rei me ordenou que o matasse.

O príncipe se espantou muito com isso e disse:

– Por favor, não me mate. Tome, leve esse meu casaco real; assim todos acreditarão que você cumpriu a ordem. Eu fugirei para a floresta e viverei longe do castelo.

– De todo o meu coração – disse o caçador. – Estou muito feliz em salvá-lo. Na verdade, eu nunca teria coragem de atirar em você.

O caçador pegou o casaco do príncipe e voltou ao castelo; e o príncipe, embrenhando-se na mata, abandonou o reino.

Pouco tempo depois, três grandes embaixadas chegaram à corte do velho rei, trazendo presentes magníficos de ouro e pedrarias para o seu filho caçula. Eram os enviados dos três reis que ele

havia ajudado emprestando sua espada e seu pão. Isso tocou o coração do velho rei, que pensou que talvez seu filho fosse inocente, e disse para a sua corte:

– Ai, se meu filho ainda estivesse vivo! Quão pesaroso estou por ter mandado matá-lo.

Ouvindo isso, o caçador criou coragem para confessar ao rei que havia poupado a vida do príncipe.

– Ele ainda está vivo - disse o caçador – mas não sei onde se encontra.

O rei ficou radiante de felicidade e proclamou em todo o reino que seu filho era inocente e que seria bem recebido se voltasse para casa. Mas ninguém sabia onde ele estava.

Neste meio tempo, a princesa, que esperava ansiosamente pela volta do seu libertador, mandou construir uma estrada de ouro maciço e pedras preciosas levando ao portão do seu castelo. Quando a estrada foi terminada, ela disse aos seus súditos que o seu futuro esposo viria a galope bem pelo meio da estrada, e que deveriam deixá-lo entrar. Mas, se alguém viesse andando à margem da estrada, de certo não seria o verdadeiro pretendente, e deveriam mandá-lo embora imediatamente.

O ano passou, e então o irmão mais velho achou que já deveria ir se encontrar com a princesa, dizer a ela que fora ele quem a libertara e que a tomaria como esposa. Quando chegou à frente do palácio e viu aquela reluzente estrada dourada, parou e pensou:

– É uma pena cavalgar por esta estrada maravilhosa.

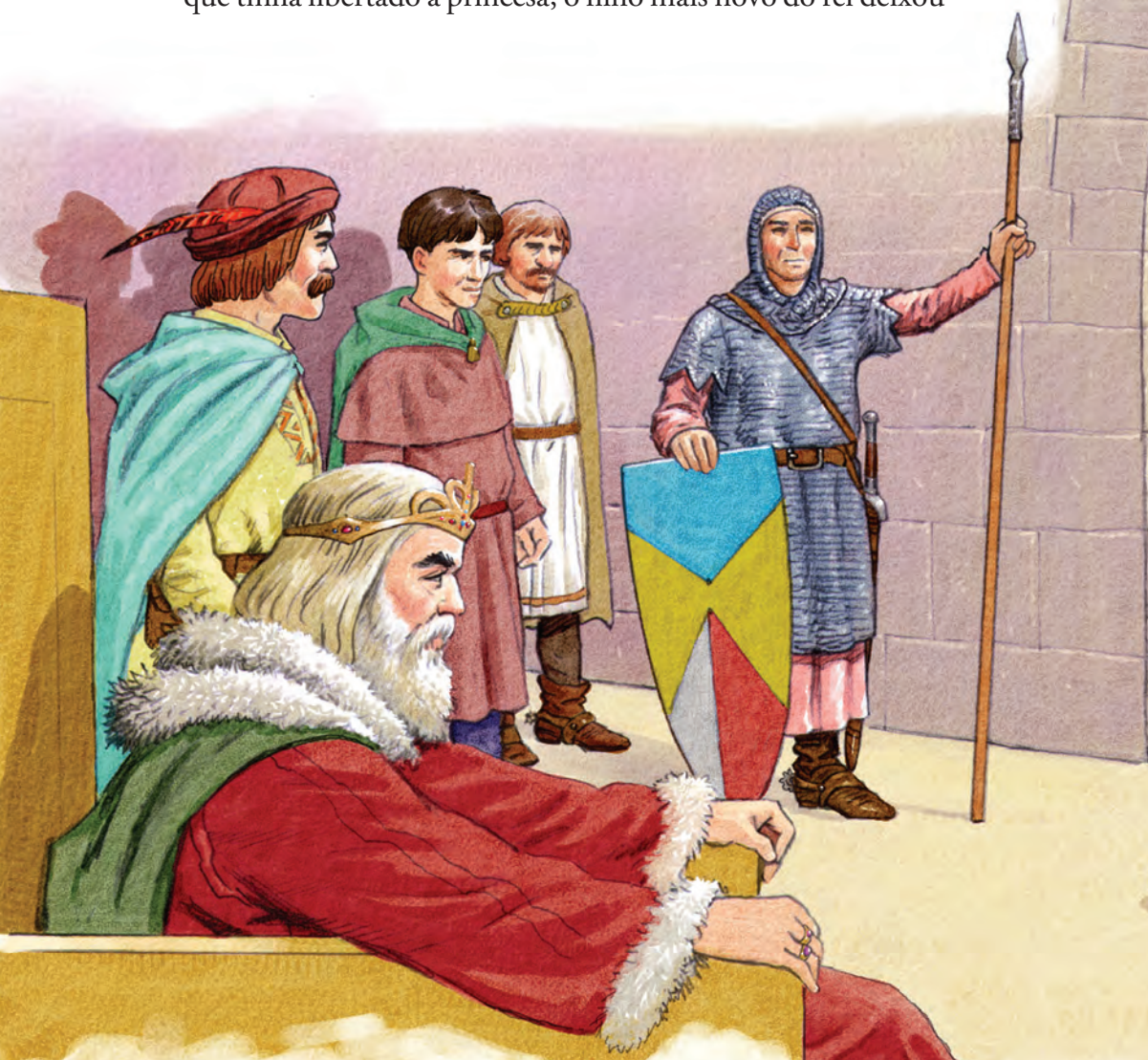
Então desviou o seu cavalo e cavalgou à direita da estrada. Quando se apresentou no portão, os guardas, que tinham visto por onde ele havia chegado, disseram que ele não poderia ser quem falava que era e que não poderia entrar.

O segundo príncipe saiu logo após o primeiro, e o seu cavalo já havia colocado uma pata sobre a estrada de ouro e pedras preciosas quando ele parou e pensou:

– Seria uma pena passar por aqui.

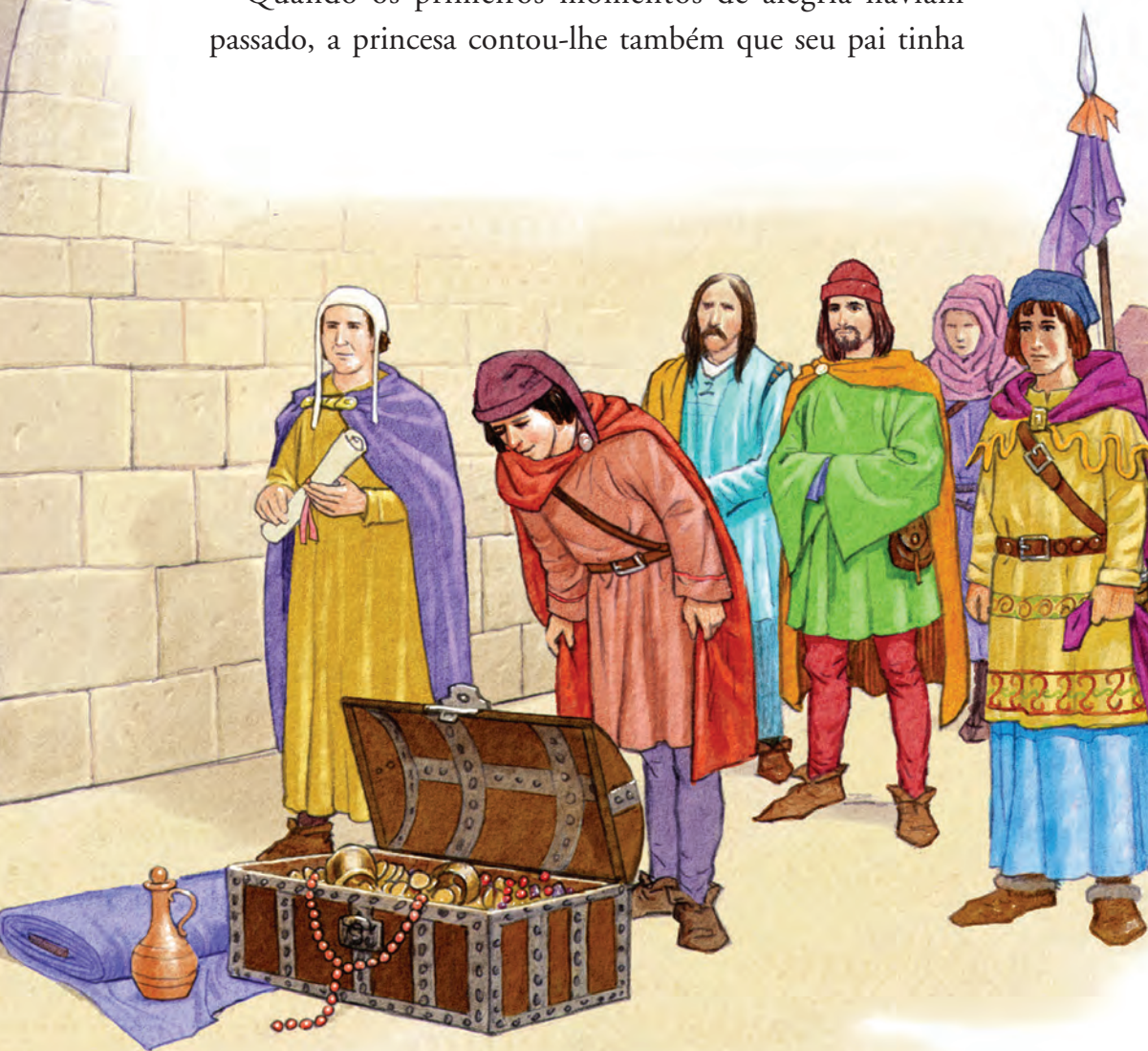
Então também ele se desviou, e cavalgou pelo lado de fora da estrada, à esquerda. Quando se apresentou no portão, os guardas disseram que ele não era o príncipe verdadeiro e que deveria ir embora e cuidar da sua vida.

Justamente quando se completou um ano desde o dia em que tinha libertado a princesa, o filho mais novo do rei deixou



a floresta na qual havia se escondido e foi em busca da noiva prometida. Durante toda a viagem, ele só pensava na noiva. Ao chegar perto do castelo, nem sequer notou do que era feita a estrada, passando diretamente sobre ela. Quando chegou ao portão, este foi imediatamente aberto para que ele pudesse entrar. Então, a princesa, saiu do castelo e veio ao seu encontro, anunciando a todos que ele era o seu libertador e que seria seu marido e senhor do reino.

Quando os primeiros momentos de alegria haviam passado, a princesa contou-lhe também que seu pai tinha





reconhecido que ele era inocente e desejava tê-lo novamente em casa. Acompanhado pela princesa, o jovem voltou ao seu país e foi ter com seu pai, contando-lhe tudo o que acontecera: como os seus irmãos o haviam enganado e o roubado, e tudo o que fora obrigado a suportar pelo amor que tinha ao pai. O rei ficou enfurecido e queria punir seus filhos traidores; mas os dois escaparam, tomaram um navio e viajaram para longe, e ninguém soube nem se preocupou em saber para onde foram.

E então o velho rei reuniu sua corte e convidou todo o reino para vir celebrar o casamento do seu filho com a bela princesa. Jovens e velhos, cavalheiros e escudeiros, nobres e camponeses, todos compareceram à cerimônia. E o misterioso anão também apareceu, com sua touca desengonçada e uma capa vermelha novinha.

O casamento foi realizado e os sinos das igrejas repicaram festivamente. E todos dançaram, cantaram, se alegraram e se banquetearam por muitos e muitos dias.

Ficha catalográfica

A Água da Vida

Conto dos Irmãos Grimm – Ilustrações de Rodval Matias

Tradução de Lilian Baroni Schmidt

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 2ª edição, 2011.

ISBN 978-85-61192-03-7

Coordenação do Projeto – Alberto V. Queiroz

Produção Gráfica – Circus Serviços Gráficos Ltda.

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler, de responsabilidade da:

Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12.220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP. É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

